



Relato de Campo

Grêmio Recreativo Flor de São João Clímaco

Data: 23/06/12

Entrevistados: Edécio Caram, administrador de empresas; Pedro Cortes Birandi (Litão), aposentado; Wilson Pires da Silva (Pneu), vendedor; Crisnei Tadeu Pontim (Cavalo), administrador de empresas

Pesquisadores: Maria Helena Menezes Garcia e Paulo Nascimento

Redator: Paulo Nascimento

Revisores: Nahema N. Falleiros; Giancarlo Machado

Resumo

O presente relato apresenta o Grêmio Recreativo Flor de São João Clímaco, time de várzea da Zona Sul de São Paulo. A sede de tal agremiação está localizada na Rua Professor Syllas Baltazar de Araújo, 220, Vila Arapuá. Algumas pessoas foram entrevistadas pelos pesquisadores do Centro de Referência do Futebol Brasil (CRFB) e na ocasião contaram a história do time Flor de São João Clímaco. São elas: Edécio Caram; Pedro Birandi, conhecido como “Litão”; Wilson da Silva, chamado de “Pneu”; e Crisnei Pontim, cujo apelido é “Cavalo”. Essas pessoas fazem parte de duas gerações distintas do time: Edécio, “Litão” e “Pneu” integram a velha guarda; já “Cavalo” é representante de uma geração mais recente, atuante a partir dos anos 1990.

A visita à sede do time e as entrevistas foram feitas no dia 23 de junho de 2012.

O Flor de São João Clímaco é um time de várzea de São Paulo criado na década de 1950. Através de sua história é possível perceber as alterações na dinâmica do futebol amador, e também, como as mudanças realizadas na cidade repercutiram nos bairros mais afastados do Centro, afetando diretamente os times. Alguns fatos importantes na história da agremiação em questão são sua participação no Desafio ao Galo e a longa série de vitórias sustentada nessa competição.

Relato

Na visita feita à sede do time Flor de São João Clímaco, uma série de interlocutores foi contatada pelos pesquisadores do CRFB. O primeiro deles foi Crisnei Pontim, mais conhecido como “Cavalo”, um dos integrantes da agremiação no conselho deliberativo do Clube da Comunidade (CDC) Parque Fongaro. Tal apelido lhe foi dado em função do modo como ele, em sua posição de zagueiro central, costumava dividir a bola com os adversários. Nascido no bairro, “Cavalo” começou a frequentar as atividades do Flor – forma como o time é chamado – no início dos anos 1990, por intermédio do então treinador Zé Lauro. Com apenas 18 anos de idade, o jogador chegou ao Clube Desportivo Municipal (CDM) que servia de sede ao time por conta de seu interesse em jogar bola, o qual foi despertado no ano em que serviu à Aeronáutica.

“Cavalo” disse que as suas principais lembranças desse período se referem às amizades cultivadas, as brincadeiras nos momentos anteriores aos jogos, ao modo como as instruções eram passadas durante as partidas, e as baladas frequentadas com os amigos. Ele disputou tanto torneios quanto festivais, e ainda lembrou-se de ter visto quando criança alguns jogos do Flor no Desafio ao Galo, extinto campeonato de futebol amador realizado em São Paulo. As cores do time (verde, branco e vermelho) são, de acordo com o entrevistado, uma alusão aos descendentes de italianos presentes no bairro desde a década de 1950, momento de criação da agremiação.

Após o encontro com “Cavalo”, alguns antigos integrantes do Flor de São João Clímaco tiveram a oportunidade de conversar com os pesquisadores do CRFB. Um deles foi Wilson Pires da Silva, também chamado de “Pneu”. Nascido em 26 de março de 1951, mudou-se com a família para o bairro de São João Clímaco em 10 de novembro do mesmo ano, fato que faz com que a sua história de vida seja toda vinculada ao local.

De acordo com “Pneu”, o Flor foi fundado em 15 de março de 1952, tendo completado 60 anos de existência em 2012. O interlocutor apresentou o time como uma das principais equipes do futebol de várzea paulistano. Ele disse que começou a acompanhar os jogos quanto tinha apenas sete anos de idade, época em que a equipe ainda era “uma coqueluche” frente a outros times de várzea do bairro. Lembrou-se ainda de que uma das principais

avenidas de São João Clímaco, a Estrada das Lágrimas, era ladeada por 24 campos de futebol. Tais campos já não existem mais devido à especulação imobiliária e à ocupação daqueles espaços por moradias populares.

“Pneu” recordou-se de suas experiências vivenciadas nos campos de várzea, e relacionou esses locais a uma espécie de jardim de infância, um parque infantil para ele e para os demais garotos. O bairro São João Clímaco tinha algumas características interioranas, como os estreitos laços afetivos consolidados entre os moradores, onde “todo mundo se conhecia”.

Não foram poucos os times citados por “Pneu” como sendo contemporâneos ao Flor. Dentre eles destacam-se: Associação Atlética Floresta, CBR Copa Rio, Flor do Pinhal, Alencar de Araripe, Juventude, Brasil Unido, Guarani, Vila Operária, Independente, Sacomã, Portuguesa do Sacomã, Milionários, etc. Destes, apenas o Milionários mantém as suas atividades, fato que é creditado à “Manolo”, pessoa diretamente envolvida com o time há décadas.

“Pneu” sustenta a ideia de que a várzea é um celeiro de craques, e tenta provar esse argumento ao dizer o nome de alguns jogadores que começaram a carreira no Flor de São João Clímaco: “Mosca” (que jogou na Associação Atlética Ponte Preta), Zé Luís (com passagens pela Associação Ferroviária de Esportes e pelo Sport Club Corinthians Paulista), Celso (atuou no Sociedade Esportiva Palmeiras, nos anos 1970, e disputou os Jogos Olímpicos de 1972) e Magrão (jogou na Associação Desportiva São Caetano, Palmeiras, Corinthians, Sport Club Internacional, até chegar à Arábia Saudita, país onde joga atualmente). “Pneu” também quis aproveitar a oportunidade para citar o nome de pessoas falecidas que tiveram suas histórias relacionadas ao time pesquisado, a saber: “Tipiu”, Erasmo, Clóvis Magrão e Zé Lauro, tendo esse último conduzido “a equipe do Flor de São João Clímaco por 45 anos” e atuado como jogador e treinador da mesma.

“Pneu” apresentou “Litão” aos pesquisadores, tido por ele como o maior centroavante que o Flor já teve (com a marca de 78 gols em uma temporada). Atualmente “Litão” continua envolvido com o time, inclusive, oferecendo aportes financeiros quando necessário, além de ser, de acordo com as palavras de “Pneu”, “um homem de mil e uma utilidades” em virtude de sua habilidade em eventuais serviços de construção e reformas, serralheria, ajustes na parte elétrica, etc.

“Litão” chegou ao bairro de São João Clímaco em 1953, com apenas seis anos de idade, momento em que o local era, segundo ele, “tudo mato”. O primeiro time de várzea em que atuou na região foi o Floresta. Somente em 1972 que ele começou a jogar pelo Flor. O primeiro ano de atuação nesse time foi, segundo o próprio entrevistado, muito “atrapalhado”. Mas graças ao apoio do então treinador Zé Lauro, “Litão” prosseguiu como jogador do Flor. Para ele, a principal diferença da época em que jogou para os tempos atuais se refere, principalmente, à quantidade de pessoas que atuam na várzea, e também, à quantidade de campos de futebol que podem ser encontrados.

Enquanto “Litão” falava, “Pneu” - que se afastara por alguns instantes do local onde a entrevista era feita - retornou acompanhado por Edécio Caram. Nascido em São João Clímaco, a lembrança de Edécio em relação ao time também diz respeito à sua infância. Algo marcante para ele foi a sequência de 11 jogos invictos que o Flor teve no “Desafio ao Galo”. Quando essas lembranças vieram à tona, “Litão” também salientou que foi ele quem fez o primeiro gol do time em tal competição. Todavia, durante a comemoração, teve o azar de torcer o tornozelo e ser substituído por outro jogador.

Outra passagem do Flor lembrada por Edécio diz respeito a ocasião em que o time tivera que representar o Albatroz, uma equipe do bairro da Mooca, no Campeonato Rodoviário, torneio formado por agremiações associadas a algumas empresas de transporte. Ao representar o Albatroz, o Flor de São João Clímaco sagrou-se campeão do torneio, mesmo tendo entrado como uma espécie de “coadjuvante”. Um dos jogadores adversários que a equipe enfrentou foi Carlos Alberto Torres, tricampeão da Copa do Mundo (realizada no México, em 1970) pela Seleção Brasileira, e que, naquela oportunidade, tinha acabado de retornar dos Estados Unidos. Com efeito, esse episódio evidencia uma prática comum no futebol paulistano dos anos 1970: a participação de jogadores já consagrados em jogos de times de várzea por conta de “bichos”, ou seja, de recompensas financeiras.

Tanto Edécio quanto “Litão” recordaram que antigamente faltava vestiário, logo, os jogadores trocavam de roupa nos fundos de um boteco. Atualmente a infraestrutura do time no CDC Parque Fongaro é visivelmente melhor. Antes também havia outros contratemplos, como a falta de dinheiro para pagar a pessoa responsável por lavar os uniformes do time, ou então,

a perseguição da polícia no final de alguns jogos. Edécio e “Litão” disseram com evidente orgulho que nenhum jogador do Flor foi remunerado. O único episódio em que houve algo parecido se deu através da própria mobilização da comunidade: após um rateio, a viagem do jogador “Mosca”, que se encontrava na cidade de Cuiabá, foi custeada para que ele viesse para São Paulo disputar uma partida pelo Flor no Desafio ao Galo.

Os interlocutores fizeram coro ao discurso que ressalta a importância do gramado sintético no campo, o qual é considerado um grande benefício tanto para o time quanto para os moradores do bairro que usufruem daquele espaço. Com o gramado sintético os adversários passam a ter mais vontade de jogar contra o Flor.

Juntos, Edécio e “Litão” lembraram-se das três sedes anteriores do time, as quais já não existem mais. Nessas ocasiões, um terreno vazio era ocupado e ali era feito uma quadra, que garantia a prática do futebol e a realização de festas. Em seguida, a partir daquela quadra um barracão era então construído. Uma dessas antigas sedes serviu de palanque para os integrantes do então recém-criado Partido dos Trabalhadores (com destaque para Luiz Inácio Lula da Silva, Marta Suplicy e Djalma Bom). Em tempos atuais, Dalton Silvano é lembrado como o único político que tem apoiado o time. A parceria que fora mantida com a Associação Desportiva São Caetano também foi citada como benéfica ao Flor. No entanto, a trágica morte do vice-presidente do São Caetano (Luiz de Paula, o “Batata”) interrompeu a parceria. Hoje, apenas as categorias de base treinam no campo do time, fato que acontece duas vezes por semana.

Ao começar a elencar as características do Flor de São João Clímaco, Edécio salientou a importância dos laços familiares: boa parte dos que jogam são filhos ou netos daqueles que, no passado, também jogaram pelo time. E garantiu que quem quiser perguntar ao “pessoal da várzea antiga” sobre a reputação do Flor, as respostas serão sempre em tons de elogios.

Edécio acredita que os moradores do entorno da sede do Flor lidam bem com as atividades ali realizadas, as quais, na maioria das vezes, começam e terminam sem maiores incidentes. Atualmente o time não disputa nenhum torneio. Os jogos dos quais participa são amistosos com outras equipes ou “rachões” entre os próprios moradores do bairro. Edécio justifica essa ausência de participação em torneios de futebol de várzea pela cidade por conta do alto custo envolvido. Como exemplo, ele citou uma competição em



Centro de
Referência
do Futebol
Brasileiro



que o Flor participou e foi campeão (em 2010), mas que foram gastos, só a inscrição, cerca de R\$ 3.000,00. “Nosso nome já está feito”, completou Edécio.